

# A educação globaliza a democracia

Allen Habert

Fruto do processo de luta democrática no país e no continente, o novo enfoque que se dá à questão da educação suscita amplo debate e adquire dinâmica singular. Em primeiro lugar, é preciso ter consciência de que o descaso com a educação do povo brasileiro foi um dos pecados capitais de quem se dispôs a construir nos trópicos uma nova civilização. Uma medida disso foi que, desde a Independência, o Brasil teve praticamente um ministro da Educação por ano.

Agora, a melhor compreensão do papel da educação, num século marcado por amplos movimentos de massa pela democracia, rompeu o muro que separava o ensino das empresas. Hoje, aprende-se trabalhando e se trabalha aprendendo. Há dez anos, nos Estados Unidos, pela primeira vez as organizações empregadoras investiam mais em treinamento e qualificação dos seus trabalhadores do que o governo no seu investimento em cerca de 850 universidades. Em meio século, desde 1950, o número de escolas de nível superior de qualidade no mundo subiu de quatro mil para 37 mil, pulando de cinco milhões para oitenta milhões de estudantes. A ampliação da democracia aumentou as oportunidades das camadas médias, que tiveram sua ascensão bloqueada na década passada, em função da crise.

As tecnologias de informação, que obtiveram impulso significativo a partir de meados da década passada, estiveram na base da revolução digital em curso. A indústria do conhecimento transforma-se no centro da competitividade entre as nações e na sua principal riqueza. Agregar valor ao bens depende, fundamentalmente, de informação e da capacidade das relações feitas pelo cérebro humano.

A educação continuada a distância (cada vez mais sem distância) é a grande novidade como estratégia educacional para a modernização do sistema produtivo e ampliação da cidadania. O conceito centenário de educação permanente transforma-se em educação por toda a vida e em todos os locais. A junção do ensino com a telemática está forjando a maior democratização do conhecimento em cinco mil anos de aprendizagem convencional, com aluno e professor, cara a cara, dividindo o mesmo espaço físico.

Em setenta países, de cinco continentes, a educação a distância ganha terreno surpreendente. Em breve, vai ultrapassar o número de alunos matriculados em cursos regulares e de extensão. As pesquisas mostram que, assim como cada indivíduo possui uma impressão única do planeta, o aprendizado é também único e

diferente de pessoa para pessoa. Cada um lê de um jeito, procura um horário preferencial para estudar, capta o real de forma diversa. Por sua vez, a educação, pela primeira vez na história da humanidade, internacionaliza-se. Na telinha do relógio da caneta, em cinco anos haverá a possibilidade de acompanhar imagens, ouvir em seu idioma o mais espetacular desfile de informação, entretenimento e cultura. Aprender será cada vez mais uma atividade lúdica, interativa e estimulante. Preparar-se para isso pressupõe um conjunto de desafios.

Nesse contexto, o protocolo de cooperação bilateral sobre educação firmado pelo Brasil e os Estados Unidos, durante a recente visita do presidente Bill Clinton a Brasília, reveste-se de significado histórico: sinaliza a importância estratégica da educação como vínculo econômico, de pesquisa e cultural entre os países. Criar uma rede interamericana do conhecimento a serviço do progresso e do homem torna-se um objetivo a ser conquistado em termos práticos.

Na esteira da substituição do "penso, logo existo", por "comunico-me, logo existo", está havendo uma explosão de meios de comunicação, cada vez mais individualizados e baratos. Portanto, a maior discriminação social (após a fome) já é a falta de acesso ao saber. O Brasil precisa de três ações/campanhas urgentes para escapar do desastre nessa esquina civilizatória: erradicar o analfabetismo e dar escola a 2,7 milhões de crianças; dar o 1º Grau completo a todo trabalhador; e qualificar, requalificar e reconverter os profissionais de nível universitário, empregados ou não. São tarefas exequíveis que a sociedade brasileira tem condições de empreender para modernizar seu parque produtivo e para formar cidadãos mais livres, numa sociedade cada vez mais recortada e menos solidária.

O protocolo firmado entre Brasil e Estados Unidos aproxima iniciativas dos dois povos no amplo campo da educação. Prepara positivamente a reunião de Cúpula das Américas, de 34 países, em abril próximo, em Santiago, onde, pela primeira vez, o tema prioritário será educação. Ensino com a presença do professor, virtualmente, ou por ambos os meios conectados, envolverá o planeta numa força unitária, competitiva e multifacetada jamais vista. Será a alavanca para um mundo menos desigual e uma saída para evitar o pior. Vale a pena cada um de nós entrar já nessa campanha.

■ Allen Habert, engenheiro, é coordenador do Programa de Educação Continuada a Distância da Fundação Vanzolini

**A** indústria do conhecimento transforma-se no centro da competitividade entre as nações e na sua principal riqueza.